



## Significação da memória e do testemunho em Primo Levi

### Significance of memory and testimony in Primo Levi

Edson Sá dos Reis<sup>1</sup>

uchiha\_edson16@hotmail.com

**Resumo:** Visamos apresentar neste artigo uma análise acerca da *literatura de testemunho*. Tal literatura trata dos testemunhos sobre o massacre nazista e se constitui a partir das memórias dos sobreviventes da *Shoah*, ou popularmente conhecido como holocausto, massacre do povo judeu perpetrado pela Alemanha nazista nos infames *campos de concentração (Lager)*. Nosso trabalho buscará seguir a ambiguidade quanto à categoria fundante nos testemunhos de Primo Levi (1919 – 1987), isto é, a *memória*. Para trabalhar os problemas encontrados, precisaremos recorrer à teoria psicanalítica de Freud e posteriormente buscar o sentido do método de *decantação (decantazione)* de Levi contido no último livro da *Trilogia de Auschwitz, Os afogados e os sobreviventes*. Teremos como resultado dessa investigação o significado do testemunho e da memória como categorias políticas.

**Palavras-chave:** Testemunho, Memória, Decantação, Resistência, Totalitarismo.

**Abstract:** We aim to present in this article an analysis about the *testimonial literature*. Such literature deals with the testimonies about the Nazi massacre and is constituted from the memories of the survivors of the *Shoah*, popularly known as holocaust, which was the massacre of the Jewish people perpetrated by Nazi Germany in the infamous *concentration camps (Lager)*. Our paper will seek to follow the ambiguity regarding the founding category in the testimonies of Primo Levi (1919 – 1987), that is, the *memory*. In order to work on the problems encountered we will need to resort on Freud's psychoanalytic theory, and later seek the meaning of Levi's *decantation (decantazione)* method contained in the last book of the *Auschwitz Trilogy: The Drowned and the Saved*. We will have as a result of this investigation the meaning of testimony and memory as essential political categories.

**Keywords:** Testimony, Memory, Decantation, Resistance, Totalitarianism.

---

1 Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Professor SEDUC-EEFM Santa Luzia

## 1- Breve Explicação sobre o problema

Buscamos delinear neste artigo a categoria da *memória* (*memorie*) como ponto de partida da literatura de testemunho e como ela pode se tornar um conceito importante na luta contra o totalitarismo<sup>2</sup>. A memória se mostrará, no decorrer de nosso texto, como a categoria primordial da literatura de testemunho pós-Auschwitz, uma vez que, como afirma Primo Levi (1919-1987), as provas concretas acerca do massacre do povo judeu realizado nos campos de concentração na Alemanha foram destruídas por ordem do alto escalão nazista. Ora, como veremos, a memória será contestada, uma vez que falta aos sobreviventes o apoio das provas materiais concretas. Nesse sentido, procuraremos vias para garantia da verdade da memória no testemunho.

Ao expor os desafios impostos ao testemunho, precisaremos procurar norte de soluções para que suas memórias estejam fora de dúvidas. Para isso, nos será valioso recorrer ao arcabouço teórico psicanalítico de Freud, precisamente em seus textos sobre memória e esquecimento, pois estes podem nos ajudar na superação dos falseamentos da memória, como bem reconhece Primo Levi em *Os afogados e os sobreviventes*. Ao apontarmos os conceitos de Freud acerca do processo analítico de superação do trauma, procuraremos expor o conceito metodológico de *decantação* (*decantazione*) essencial à construção do testemunho do autor italiano.

É a partir das considerações anteriores que poderemos apresentar a memória como um conceito essencial para o combate contra os governos totalitários, isto é, não apenas como uma categoria da consciência, mas política. Ora, é a recusa ao silêncio e a insistência em manter a lembrança dos fatos monstruosos praticados nos campos de concentração alemães que segundo Primo Levi poderia impedir a repetição de Auschwitz ou qualquer sistema parecido com aquele que matou milhões de judeus. Dessa maneira, a categoria que buscamos apresentar, bem como as relações entre os autores citados encontra sua razão de ser na luta contra os sistemas totalitários, isto é, na não repetição desses sistemas e do massacre perpetrado.

---

2 A caracterização do conceito de totalitarismo pode ser encontrada no excelente livro de Hannah Arendt, intitulado *As origens do totalitarismo* publicado em 1951 e dividido em três partes: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. Para Arendt o totalitarismo é um fenômeno específico do século XX, significa dizer que este modo de governo não se confunde com o as tiranias anteriores da história. Se trata de uma forma de governo que articula os conceitos de *ideologia* e *terror* como nova forma de regime, como ela deixa explícito no último tópico da obra. Não podemos esboçar para além, nesta pequena nota, de forma que aconselhamos a leitura da própria obra, publicada no Brasil pela Companhia das Letras e sua recepção pela fortuna crítica. Sobre os efeitos dessa forma de governo, remetemos o leitor para o estudo da obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Relato escrito por ocasião do julgamento de Eichmann em 1961 em Israel. Neste, a autora procura explicitar e delinear como a forma de poder posta pelo totalitarismo banaliza o mal, tornando-o legal e por vezes, na visão de seus apoiadores, moral, isto é, um dever para com o Estado e o povo do qual faz parte. Para melhor compreensão desta segunda obra, também remetemos os leitores a leitura da mesma e sua recepção pela fortuna crítica e especializada.

## 2- Os desafios do testemunho: ambiguidade da memória.

O massacre judeu, erroneamente nomeado como holocausto<sup>3</sup>, é conhecido como uma das maiores catástrofes da humanidade. Relembra-lo ainda é difícil e delicado, dado o teor de sofrimento e monstruosidade, no entanto, trazê-lo à memória, segundo pensamos, se faz necessário para não o repetirmos. Assim, um dos legados da experiência do *Lager*<sup>4</sup>, como os sobreviventes o nomeiam, é, além das lembranças dos sobreviventes, também trazer à memória aqueles que não conseguiram libertar-se com vida. Esta se faz partindo da chamada literatura de testemunho, tema que pretendemos analisar neste trabalho.

A literatura de testemunho, ou *literatura da shoah*, nasce após os extermínios nos campos nazistas e funda-se na necessidade de contar as experiências vividas no interior do *Lager* para o mundo. Seu esforço, para além da literatura, é apresentar os terrores vividos na esperança de que estes não se repitam para nenhum ser humano. É, nesta perspectiva, a reinvidicação de luta contra o totalitarismo. Tendo tal objetivo em vista, nosso texto pretende analisar a categoria na qual se funda o testemunho, qual seja, a memória, tendo como leitura principal Primo Levi (1919-1987), químico, escritor e judeu-italiano, sobrevivente de Auschwitz e autor da *Trilogia de Auschwitz*<sup>5</sup>.

Narrar a experiência do *Lager* não se constitui como tarefa fácil, pois antecipadamente os alemães-nazistas o planejaram com vistas ao seu não conhecimento por parte do mundo. Partindo dessa diretriz, a do não conhecimento, os soldados alemães foram ordenados a destruir todas as provas sobre os campos, para que posteriormente não pudessem ser incriminados. A partir dessa diretriz podemos concluir que havia consciência por parte dos alemães acerca do crime

3 Holocausto é um termo infeliz apesar de amplamente difundido no mundo. Infeliz porque traz consigo, como bem nos aponta Agamben na página 37 de sua obra *O que resta de Auschwitz*, uma justificação para o fenômeno de extermínio dos judeus. Tal assertiva pode ser baseada no significado de holocausto, sacrificar algo ao Senhor (Deus dos judeus), como bem nos diz o primeiro testamento no livro de Êxodo, capítulo 29, versículo 18: “Assim queimarás todo o carneiro sobre o altar; é holocausto para o Senhor, de aroma agradável; oferta queimada ao Senhor”.

Falar em Holocausto, portanto, traz a ideia de sacrifício ao Senhor, no entanto, não se pode tomar tal concepção quando falamos acerca do extermínio, esta retira a culpa humana e põe na esfera divina pondo numa ordem inalcançável a ordem humana. O termo mais apropriado e que será adotado em nosso trabalho será *Shoah*, que significa “devastação” e “Catástrofe”. Para uma discussão mais ampla sobre esse termo infeliz, remetemos o leitor a leitura do livro de Agamben, *O que resta de Auschwitz* que trata deste tema com acuidade e amplitude. Temos ciência de que o termo *shoah* é passível de debate, no entanto, cremos ser até o momento o melhor modo de se referir a literatura de testemunho de Levi. Nossa escolha se dá no plano da própria língua, tendo em conta que a palavra vem do hebraico, isto é, língua do povo judeu.

4 *Lager* é o termo alemão que designa os Campos de Concentração na literatura de testemunho. Em nosso trabalho, optamos por alternar entre *Lager* e Campos de Concentração ou Extermínio. Referências que nos testemunhos não se diferenciam.

5 Os três livros da trilogia de Primo Levi são: *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*. Seus livros narram e procuram pensar a experiência do *Lager* nazista em seus aspectos mais profundos.

hediondo. Essa consciência sobre o que se estava fazendo e a proibição sobre o vazamento de informações acerca do ocorrido tornava a todos aqueles que conheciam o acontecimento em *Portadores de segredo* (*Geheimnisträger*). Outro ponto é significativo, o fato de que os alemães sabiam que mesmo que o segredo fosse público, não havendo provas sobre ele (daí a ordem deliberada para destruição das provas), a rejeição face ao testemunho seria óbvia em razão do conteúdo absurdo que este alega. A este respeito, nos diz Primo Levi:

[...] É significativo como essa rejeição tenha sido prevista pelos próprios culpados; muitos sobreviventes (entre outros, Simon Wiesenthal, nas últimas páginas de *Gli assassini sono fra noi*, Milão, Garzanti, 1970) recordam que os SS se divertiam avisando cinicamente os prisioneiros: “ Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntos com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager*” [...] (LEVI 2004 p. 09)

Ora, os alemães provaram aos sobreviventes que havia consciência no que estava acontecendo e sabiam que posteriormente convencer a humanidade seria tarefa difícil. Tais fatos demonstram desafios que se põem logo de início ao testemunho sobre a *Shoah*. Esses desafios podem ser descritos: a destruição das provas e o segredo, em seguida a manipulação da verdade pelos vencedores. Desse modo, podemos fazer a seguinte pergunta: de que dispõe o testemunho contra esses desafios? A resposta pode ser encontrada em Primo Levi quando este nos diz que: é natural e óbvio que a memória seja o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos de concentração (LEVI 2004 p.13). Dito isto, nada mais natural que esperar daqueles que sobreviveram que suas memórias pudessem revelar a verdade do que aconteceu no cárcere imposto pelos alemães. Nesse caso, a memória dos sobreviventes seria de pronto o ponto de partida para o testemunho da *Shoah*. Ora, tal asserção baseia-se no fato de que o testemunho encontra, como demonstrado nas palavras de Levi, obstáculos de início. Tais fatos obrigam não só a Levi, mas a quem pretende empreender uma investigação acerca da literatura de testemunho, a remeter a matéria prima por excelência da *Shoah*, à *memória* (*memorie*).

Apesar de nos fornecer a informação crucial de que o testemunho possui a memória como material único e mais consistente, o escritor não padece de uma visão ingênua em que a memória é tomada como material infalível. Ao contrário, apesar de ser a matéria prima pela qual a narração do *Lager* é erigida, não é ela, aos

olhos de Levi, tão confiável quanto este gostaria que fosse. Pois existem os efeitos do tempo que apagam ou modificam as lembranças, assim ele nos alerta acerca de uma visão inocente, nos diz ele no primeiro capítulo de *Os afogados e os sobreviventes*:

A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz. [...] Conhecem-se alguns mecanismos que falsificam a memória em condições particulares: os traumas, não apenas os cerebrais: a interferência de outras recordações “concorrentes”; estados anormais da consciência; repressões; recalques. Todavia, mesmo em condições normais desenrola-se uma lenta degradação, um ofuscamento dos contornos, um esquecimento por assim dizer natural, a que poucas recordações resistem. (LEVI 2004 p.19)

O autor não padece da ingenuidade acerca da memória, no entanto, atentar o leitor não é um esforço anódino. Ora, parece-nos à primeira vista que seja óbvio e natural que seja a memória o material mais forte para tarefa de testemunho. No entanto, encontramos na citada assertiva, isto é, de que a memória seja o material mais forte para o testemunho, uma ambiguidade, que encaramos como proposital, pelo reconhecimento de que a memória pode sofrer alterações. Essa ambiguidade consiste em que a memória é encarada como o material mais forte de que o testemunho dispõe, porém, é também o mais fraco. Ressaltar esta ambiguidade acerca da memória constitui-se como ponto nevrálgico para a reflexão deste primeiro momento de nosso escrito.

Se encararmos a ambiguidade exposta por Levi, teremos de aceitar que o ato de testemunhar não é posto com facilidade. Ademais, se trata de encontrar a falha central do próprio testemunhar para que este se revele como verdade com toda força. É com vistas a força da verdade, bem como da veracidade do testemunho, que a ambiguidade é notada e deve ser encarada. De modo contrário, a posição negacionista poderia contrapor facilmente as afirmações dos sobreviventes. No entanto, ao se atentar a esta questão, Primo Levi demonstra acuidade e potência na intenção contida em seu testemunho, qual seja, a de que as palavras proferidas sejam verdadeiras.

Ao nos atentar para ambiguidade da memória com relação às lembranças, o autor visa demonstrar os falseamentos sofridos pela memória e não é à toa que faz uso de conceitos psicanalíticos como recalque, repressões, que são estados anormais de consciência. Ademais, o autor nos prova não ser leigo acerca da literatura psicanalítica, de modo que podemos buscar horizontes de solução do problema pela via apresentada, onde o testemunho adquire seu valor mais fortemente, ultrapassando assim a falibilidade da memória. Essa relação entre o testemunho e a psicanálise aparece expressa em um artigo de Aquino<sup>6</sup>, entre Primo Levi e a psicanálise, mais

6 AQUINO. Primo Levi, leitor de Freud: O falseamento das lembranças e o testemunho. *Cadernos Benjaminianos*, n. 7, p.115-131, dez. 2013. <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/6049>>. Acesso em 22 mar. 2019.

especificamente, um debate que se pode encontrar em Freud nos textos: *O mecanismo psíquico do esquecimento (Zum Psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit)* de 1898, *Lembranças encobridoras (Über Deckerinnerungen)*<sup>7</sup> de 1899 e *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (Zur Psychopathologie des Alltagsleben)*<sup>8</sup> de 1901, nos quais podemos encontrar traços fundamentais acerca da fragilidade das lembranças também notadas por nosso autor, fornecendo ao nosso texto a compreensão da proposição da memória como mais forte, mas também como mais fraca.

### 3- O mecanismo psíquico do esquecimento em nome do princípio do prazer

A explicação freudiana sobre o esquecimento se dá primeiramente no âmbito da manutenção da saúde psíquica do indivíduo. Se esquece uma lembrança quando esta causa a sensação de desprazer. Dessa maneira, há uma barreira psíquica que impede que as memórias de momentos desprazerosos venham à tona, esse mecanismo evita sérios desconfortos no indivíduo que podem chegar a impedir sua vida cotidiana. Esta seria a causa dos recalques e repressões de experiências traumáticas ocorridas na vida dos indivíduos em tratamento de análise.

Conteúdos psíquicos recalcados no inconsciente produzem alterações na memória, de forma a possibilitar seu falseamento. Nesta perspectiva, torna-se perigoso confiar na memória para relembrar os verdadeiros fatos do trauma, uma vez que é admitida a existência de mecanismos psíquicos de esquecimento. Porém, segundo Freud, há possibilidade de relembrar o fato causador do trauma, partindo de considerações conceituais psicanalíticas. Tais considerações propõem restaurar os verdadeiros conteúdos psíquicos do trauma com elaborações a partir da fala, onde é empregada a livre associação de pensamentos.

Em *Recordar, repetir e elaborar (Erinnen, Wiederholen und Durcharbeiten)*,<sup>9</sup> escrito de Freud, de 1914, vemos ser abordada a relação da *compulsão a repetição* com a *transferência* e as *resistências*. Em alguns casos, onde o paciente nada lembra, há a tendência à repetição de conteúdos psíquicos recalcados.

Há certos casos que se comportam como aqueles sob técnica hipnótica até certo ponto e só mais tarde deixam de fazê-lo, mas outros conduzem-se diferentemente desde o início. Se nos limitarmos a este segundo tipo, afim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (FREUD 1996 p. 165)

7 Ambos os textos se encontram no volume III das Obras completas de Freud publicadas no Brasil pela editora IMAGO.

8 O referido texto se encontra no volume VI também publicado no Brasil pela editora Imago. Os itálicos não são nossos. Eles se encontram na tradução da editora Imago.

9 *Volume XII das Obras Completas de Freud.*

Na citação acima, Freud refere-se aos casos de repetição compulsiva, repetição dada na ação, não na linguagem do paciente. A atuação se dá sem a consciência do paciente, de modo que a ação cotidiana está ligada a compulsão sem que este o perceba. Nestes casos, o paciente não possui consciência de que sua compulsão a repetição se dá por uma lembrança recalcada. O conteúdo esquecido se apresenta na forma do repetir, não como lembrança, mas como ação. Como bem nos diz Freud, repetição do conteúdo. Essa evidência psicanalítica da repetição encontra no testemunho de Levi casos que parecem se encaixar, mas deixemos isso para depois, pois interessa-nos aqui os conceitos usados para “resolução” dessa repetição, para posteriormente encontrarmos no testemunho uma possibilidade aproximativa em um conceito específico de Primo Levi.

Nos casos onde a repetição age com maior preponderância, ainda se mantém a pedra base da psicanálise, onde o trabalho do psicanalista deve ser a apresentação das resistências das quais o paciente não possui consciência de sua existência. Porém, cabe ainda ao médico transferir à repetição em ato, para o recordar, de forma que esse ato compulsório se transfira para uma repetição em pensamento. Esse procedimento minimizaria as consequências da repetição em ato na vida cotidiana do paciente.

Ainda sob esse aspecto do trabalho psicanalítico Freud nos aponta os desafios que cercam não apenas o paciente, mas também o médico que o analisa. Apontando, assim, o conceito que nos interessa nessa explanação acerca do arcabouço teórico freudiano, a *elaboração*. Nos diz o autor:

[...] O primeiro passo para superar as resistências é dado, como sabemos, pelo fato de o analista revelar a resistência que nunca é reconhecida pelo paciente, e familiarizá-lo com ela. Ora, parece que os principiantes na clínica analítica inclinam-se a encarar este passo introdutório como a totalidade de seu trabalho. [...] Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise. (FREUD 1996 p. 170-171)<sup>10</sup>

A superação das resistências que encobrem o trauma deve, primeiramente, partir da revelação do analista para o paciente, pois sabe-se que o segundo nunca está consciente das resistências que encobrem o trauma sofrido. É necessário, como atenta Freud, que haja tempo para que o paciente possa se familiarizar com as resistências, ou seja, indica que o mero fato de as revelar não irá produzir efeito imediato no paciente, mas que é indispensável o tempo para que o paciente possa trabalhar com elas. Emerge, assim, a crítica de que este não é todo o trabalho do analista, isto é, revelar as resistências ao paciente não é a totalidade do exercício, é apenas o primeiro passo. Aos analistas que ignoram tal passo como introdutório, Freud

10 O itálico não é de nossa autoria. Ele se encontra na própria tradução adotada da editora Imago.

chama de principiantes. Desta maneira, surge assim o conceito que procuramos, a *elaboração*.

A elaboração se constitui no exercício psicanalítico como ferramenta de superação da resistência, para que o tratamento analítico possa efetuar seu efeito. Se faz necessário tempo para que o paciente possa elaborar as resistências apontadas no decorrer de suas análises para que possa superá-las. A elaboração nos aponta uma possibilidade de trabalho, não só com a repetição compulsiva, mas com os conteúdos psíquicos recalcados que a envolve. Desse modo o paciente que antes se encontrava inconsciente das resistências, agora consciente delas, pelos apontamentos do médico, trabalhe psiquicamente sua repetição revelando o conteúdo reprimido causador de sua doença.

Desta maneira, abrindo um possível horizonte de solução, cabe apontarmos dois conceitos da elaboração. A *sobre-elaboração* (*Überarbeiten*) e uma *elaboração através* (*DurchArbeiten*), encontrados no texto de Freud. A primeira aparece a nós como a abordagem da primeira transferência, onde a repetição se mantém menos no nível do ato e mais no nível psíquico. Ainda trabalhando na repetição que mantém a doença, não mais é necessário repetir em ato, mas em nível psíquico. Devemos ter aqui em vista que a primeira elaboração apresenta o risco de retorno ao ato, pois não se apresenta como superação e não parece revelar a lembrança recalcada, e por isso a manutenção da repetição. A segunda, uma *elaboração através* (*DurchArbeiten*), põe o paciente não como espectador da lembrança, mas o obriga a trabalhá-la de forma a conseguir sua superação no decorrer do tratamento analítico. Desse modo, é permitido ao paciente a cura no enfrentamento com o fato traumático no presente, partindo da elaboração da lembrança, elaboração esta em que ele enfrenta e supera com o tempo em análise.

Os desafios da memória enunciados por Primo Levi no capítulo *A memória da Ofensa*<sup>11</sup> encontram sua correspondência e possivelmente começo de solução, assim nos parece, nesses conceitos freudianos. No entanto, tais conceitos em Freud se apresentam para nós como experimentais, mas apontam um norte de soluções, que podem dar validade ao testemunho, pois este possui como material mais forte e confiável a memória, uma vez que os indícios empíricos que poderiam dar validade às palavras dos sobreviventes foram destruídos em maior parte pelos nazistas. Cabe-nos agora apresentar a forma como o autor da *Trilogia de Auschwitz* busca a superação do problema da memória, expressa no enunciado problemático de sua falacidade.

#### 4- Decantação

*Os afogados e os sobreviventes* é o último livro de Primo Levi, escrito, como nos informa no prefácio, quarenta anos depois da libertação dos prisioneiros dos Campos de Concentração<sup>12</sup> e tem como objetivo fornecer alguns esclarecimentos

11 *Os afogados e os sobreviventes*.

12 *Os afogados e os sobreviventes*. É importante para nosso objetivo lembrar essa passagem de

de aspectos obscuros do *Lager*. Como tal, o autor propõe um apanhado geral em forma de conceitos para questões que o perturbavam ainda nos fins de sua vida. É necessário ao nosso texto nos realocar na perspectiva do livro de Levi para compreendermos o pensamento, bem como o que nos interessa nesta parte do texto, a compreensão do conceito de *decantação* (*decantazione*), e daí retirar nossas considerações filosóficas acerca da memória e seu papel, não apenas no testemunho, mas em seu valor enquanto arma contra o totalitarismo.

A passagem do tempo, quarenta anos depois da libertação dos Campos, oferece a Levi a clareza da análise. É necessário, segundo o autor, certo período de maturação do pensamento para que se possa traçar com clareza certos aspectos até então obscuros daquilo que ele nomeia como *universo concentracionário*<sup>13</sup>. Deve-se ter em mente aqui, o que abordamos quando tocamos a teoria psicanalítica, o processo de elaboração do paciente, no entanto, aqui se trata de elaboração de uma experiência social, qual seja, os Campos de Concentração nazista. Apenas com o tempo as experiências de terror, trauma e sofrimento poderiam ser estabelecidas conceitualmente. A este respeito, Levi nos informa que houve primeiro a decantação, se tratando de um processo desejável e normal, no qual os fatos históricos adquirem suas formas e linhas, bem como sua perspectiva, decênios após sua conclusão (LEVI 2004 p.15-16) A passagem do tempo é necessária para que as coisas tomem sua forma que era no término imediato do fato, impossível. Ora, no fim da segunda guerra mundial os dados quantitativos sobre deportações e sobre o massacre nos *Lager* e em outros lugares não se encontravam disponíveis, de modo que não era fácil a compreensão do alcance e da própria especificidade do que aconteceu. Nesta perspectiva, os decênios passados desde o fato consumado dos campos de concentração são necessários, pois revelam o que imediatamente não poderia ter sido revelado. É daí que se forma a imagem da *decantação*.

O conceito de decantação é derivado da química, que, como sabemos, é a área de formação do autor da *Trilogia de Auschwitz*, trata-se do processo de separação de misturas heterogêneas. Trata-se, portanto, no testemunho, de separar os fenômenos do Campo para melhor analisá-los. O conceito de *decantação* se traduz como método de separação e junção dos fenômenos em uma ideia que possibilita inteligir a realidade da *experiência concentracionária*. Nesta perspectiva, remete-nos o processo que mencionamos em Freud como *elaboração através* (*DurchArbeiten*). O tempo possibilita que o sobrevivente se ocupe das lembranças de forma a separá-las e vê-las posteriormente em sua totalidade na ideia. Não só elabora, mas consegue enxergar os conteúdos em sua verdade, sem aumentar ou deixar apagar-se.

---

quarenta anos da libertação. Em que medida, é o que buscaremos esclarecer no texto.

13 Tal conceito é exposto no livro de Levi. Apesar de termos tocado no assunto, não podemos defini-lo com clareza neste texto. Em linhas gerais este termo designaria uma teoria do campo para além dos muros, ou seja, uma teoria do totalitarismo que procuraremos demonstrar em trabalhos posteriores.

O processo de *decantação* é o método de Levi para nos fornecer um apanhado ideal<sup>14</sup>, portanto, verdadeiro da experiência do Campo, onde os contornos são delineados com o cuidado da elaboração do pensamento. Ademais, apesar de o processo de decantar estar ligado às memórias do sobrevivente, não se trata apenas de um processo subjetivo de análise do indivíduo, mas de um desenrolar histórico, que ganha contornos mais fortes e verdadeiros com as grandes descobertas dos dados quantitativos sobre os Campos. O que tal método propõe elevar é o índice qualitativo do processo a que os prisioneiros foram submetidos, de forma a ser uma análise filosófica-sociológica acerca da veracidade dos fatos, salvos nas ideias, no resgate da história dos que não puderam contar, ou seja, as milhares de vítimas do sistema de concentração nazista.

Haja vista a compreensão do método de decantação, não apenas como o subjetivo da teoria psicanalítica, mas também como o histórico dos dados objetivos, que vão sendo descobertos no decorrer do tempo, podemos traçar o valor da memória no combate a ideia do totalitarismo; compreendido como controle total de um governo a todo o escopo de seus cidadãos, às últimas consequências deste modo de governo, foi o extermínio dos seus inimigos, extermínio produzido em duas instâncias, como demonstra o autor: física e espiritualmente. Para isso, retrocederemos nos textos de Primo Levi, onde o significado do testemunho se estabelece como memória que visa evitar a repetição dos terrores de Auschwitz ou de qualquer modo de governo que se assemelhe a tais horrores.

##### 5- O Manifesto contra o silêncio e o testemunhar como memória.

No aniversário de dez anos da libertação dos prisioneiros dos Campos, Primo Levi escreve um texto intitulado: *Deportados. Aniversário*<sup>15</sup>. Sua tese central confronta

14 Não nos referimos a ideal como o melhor, como no uso vulgar da palavra, isto é, de uma possibilidade que seria ótima e acomodasse nossas vidas de forma perfeita, mas de verdadeiro no sentido de que a ideia é o verdadeiro sobre o fenômeno posto. É, para nós, impossível não lembrarmos de Platão, para quem a ideia é o modo de salvar os fenômenos e, portanto, se faz como verdadeira compartilhando de sua eternidade. Esta ideia pode ser encontrada no diálogo *Fédon* onde *ideia, verdade e reminiscência* (termo que remete a memória) são essenciais em seu pensamento filosófico. Estes três conceitos são inseparáveis na compreensão da teoria platônica não apenas no *Fédon*, como também, no conhecido *Timeu*, apenas para citar os mais conhecidos. Essa articulação entre esses conceitos nos lembra o modo de operação do testemunho em Primo Levi, uma vez que este visa, a partir da memória estabelecer um estatuto de verdade sobre o fenômeno do *Lager*. Talvez, uma pesquisa posterior sobre esse tema seja algo importante pondo em discussão as relações dos conceitos de memória e verdade no testemunho e em Platão, fazendo, claro, o recorte metodológico necessário para que a metafísica platônica não seja confundida com o testemunho de Levi. Aliás, há uma interessante discussão sobre isso em um texto de Judith Butler intitulado *Para pensar o presente, Primo Levi*, que compõe o livro *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo* publicado no Brasil pela editora Boitempo em 2017. No entanto, como não podemos abranger todo esse debate neste artigo, procuraremos estabelecer essa discussão em um trabalho posterior.

15 Texto traduzido em 2016 por Ivone Benedetti publicado no livro, *A assimetria e a vida: artigos e ensaios de 1955-1987* pela editora Unesp.

o silêncio sobre os Campos, ainda tão recentes. Segundo o autor, o massacre histórico perpetrado pelos nazistas não deve ser relegado ao esquecimento. O silêncio da comunidade civilizada frente aos horrores de Auschwitz é espantoso, pior, esquecê-lo seria abrir brechas para sua aceitação. O fato de que a monstrosidade nazista seja encarada com esta absurda discrição, demonstra para Levi uma espécie de apoio das massas. Dessa maneira, o silêncio sobre Auschwitz não pode se manter, é necessário debatê-lo, escancará-lo ao mundo para que a experiência concentracionária não se repita<sup>16</sup>. O calar-se perante a situação expressa a aprovação inconsciente no seio da civilização e aceitação dos massacres ocorridos historicamente. Nos diz Levi: “Hoje é indelicado falar dos campos de concentração. Corremos o risco de ser acusados de vitimização ou de amor gratuito ao macabro, na melhor das hipóteses; na pior, de mentira pura e simples, ou quem sabe de atentado ao pudor”. (LEVI 2016 p. 03) Ora, podemos vislumbrar que a perspectiva do silêncio é altamente reprovável para o autor de Turim.

O mundo a qual o escritor se refere como civilizado, põe os assuntos sobre o genocídio nazista como algo indelicado, apresentando a imagem de assunto indigno de debate ou reflexão. O que aponta, segundo o pensamento de Levi, a aceitação dos fatos ocorridos. Aos sobreviventes que falam é relegado o local de vítima (e não seriam realmente vítimas?), mais do que isso, acusam-nos de vitimização, como se estas não pudessem jamais tocar no assunto, obscurecendo-o no mundo e relegando ao esquecimento. Em um conteúdo inconsciente a sociedade civilizada legitima o falseamento da verdade, praticado pelo terceiro Reich. O não dar ouvidos a voz das testemunhas já havia sido previsto, como apontamos no início de nosso trabalho. Essa premissa, a de que os nazistas haviam previsto o comportamento do mundo pelo tamanho da absurdidade dos atos praticados contra os judeus, torna o silêncio e o esquecimento do mundo problemas de extrema seriedade a serem enfrentados.

O esquecimento é preocupante, pois aponta para uma esfera de aceitação no mundo civilizado, o que para Primo Levi, como se pode entrever em suas palavras no decorrer dos escritos acerca dos acontecimentos nefastos, é totalmente reprovável e repudiável. Diante desse quadro tão preocupante, o testemunho, partindo da memória, da escrita e da fala torna-se uma arma, um ato de guerra contra o ressurgimento do totalitarismo. Deste modo, a resposta de Primo Levi é categórica.

16 Theodor Adorno também pensou acerca da não repetição da experiência dos campos. Em um texto intitulado *Educação após Auschwitz* que pode ser encontrado na coletânea *Educação e Emancipação*, podemos ler: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la”. (ADORNO, 1995, p.119). Para Adorno a não repetição de Auschwitz foi um problema extremo, uma vez que para o filósofo o acontecimento representava a barbárie contida na civilização. A experiência do campo não poderia ser vista como uma anomalia, mas uma consequência da própria civilização de que temos de ter cuidado. É que no conceito de civilização, nos diz o pensador alemão apoiando-se em Freud, se origina e se fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Dessa maneira Auschwitz representa o perigo, a ameaça de uma regressão à barbárie, ou melhor, para o filósofo ela seria a própria barbárie.

A resposta só pode ser uma. Não é lícito esquecer, não é lícito calar. Se calarmos, quem falará? Claro que não os culpados e seus cúmplices. Se faltar nosso testemunho, num futuro nada distante os feitos da bestialidade nazista, exatamente por sua enormidade, poderão ser relegados ao rol das lendas. Falar, portanto, é preciso. (LEVI 2016 p. 04)

O esquecimento não pode predominar quando se trata da questão dos campos, muito menos os sobreviventes podem ser impedidos de falarem sobre o que viram e viveram. É necessário falar, escrever, ou seja, rememorar os horrores de Auschwitz. Fatos que demonstraram a crueldade humana em suas consequências últimas. A *memória (memorie)* não pode ser suprimida, pois na matança nazista está a marca que a humanidade não pode esquecer, a do desumano, onde os alemães retiraram dos seres humanos aprisionados sua humanidade, levando-os à regressão, isto é, à condição de meros animais, assim como os abatendo como tais. Sob a sombra desse perigo iminente a resposta do escritor não pode ser senão a apresentada na citação.

O testemunho assume um dos possíveis significados para sua existência. Opor-se contra o silêncio e o esquecimento ao qual o mundo relegou os Campos de Concentração e extermínio dos judeus perpetrado pelos nazistas. Constituindo assim documentos históricos para análises de problemas que afrontam a filosofia e as demais áreas do conhecimento humano. Nos escritos testemunhais, bem como entrevistas e conversas, a palavra ou testemunho assume papel central contra todo governo totalitário ou fascista. A memória se constitui como afronta ao esquecimento e sua propagação nega o silêncio imposto pelo mundo. É necessário dar voz às vozes caladas pelo nazismo nas câmaras de gás, nos trabalhos forçados e nas mortes por desnutrição ou frio.

[...] toda a história do curto “Reich Milenar” pode ser relida como guerra contra a memória, falsificação orwelliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade, até o ponto de fuga definitiva da realidade mesma. [...] proibido e negado aos súditos o acesso à verdade, conspurcando sua moral e sua memória; [...] (LEVI 2004 p. 26)

O nazismo sempre foi uma guerra contra a verdade. Falsificação de dados e fatos para que fossem aceitos por sua população e tivesse o apoio das massas. Sob esta perspectiva, colaborar com o silêncio e o esquecimento é dar vazão a vitória da mentira sobre a verdade. Os sobreviventes não podem curvar-se aos pedidos de silêncio do mundo. Caso contrário, a guerra do terceiro Reich contra a verdade seria vencida. O mundo deve compreender o significado profundo de assumir a responsabilidade do que se passou com o povo judeu nos *Lager*. Desse modo, a memória se constitui na fala dos sobreviventes como verdade. Se a luta do nazismo pode ser lida como luta contra a verdade e falseamento da realidade, a memória restitui a verdade e acaba com a mentira, não falseando a realidade, mas buscando apresentá-la tal e qual como foi vivida nos *Lager*.

Revela-se na categoria da memória sua validade contra os movimentos totalitários que visam representar a realidade partindo da mentira na conquista do poder total. Apenas a memória da história, não a história tradicional, mas a *história* dos vencidos<sup>17</sup> pode fazer frente aos governos falseadores da realidade. Pondo-se como conceito revolucionário contra toda forma de opressão presente. Lembrar, é, portanto, restituir a verdade que o nazismo buscou esconder.

O testemunhar assume um papel de conscientização sobre o passado obscuro dos regimes totalitários. Abarcando, pela memória, matéria prima por excelência do testemunho, a luta dos vencidos contra os vencedores. Que o nazismo triunfe em sua luta contra a verdade, é a isto que as testemunhas se opõem. Que Auschwitz não seja posto no esquecimento, é essa premissa de que parte os escritos das testemunhas. Que as vítimas desse massacre não sejam esquecidas, é também exigência a qual a literatura de testemunho deve sua existência. Nesta perspectiva, também não é outro senão o nosso intento, o de a partir do apresentado, achar sentido para nosso trabalho na recusa ao silêncio acerca dos horrores perpetrados pelos sistemas totalitários. Ademais, temos de ter em vista que as forças totalitárias que foram capazes de infringir tal mancha a humanidade, ainda se encontram em nosso tempo presente, ainda que na forma da negação dos acontecidos. Partindo dessa constatação, o silêncio não é suportável e não podemos deixar que os feitos da bestialidade nazista sejam relegados ao rol das lendas, isto é, passar como se nunca houvesse acontecido. É nesta reivindicação, portanto, que a *Trilogia de Auschwitz*, bem como o testemunho, se assenta.

## 6- O sofrimento do sobrevivente: A vergonha e a culpa

Estabelecer a necessidade da negação do silêncio nos obriga a uma última análise. A da dimensão do sofrimento do sobrevivente, ou antes, *a culpa*. Em prefácio ao seu primeiro livro *É isto um homem?* Levi nos fala sobre a necessidade de *libertação interior* (*Liberazione Interiore*), porém, libertação de quê? Para os leitores de Levi, é conhecido o sentimento de culpa dos sobreviventes após a saída dos campos de concentração. Essa dimensão interior aparece como cúmplice do silêncio que permeia os fatos acontecidos em Auschwitz. Não podemos chegar à conclusões sem antes ponderarmos, ou antes, nos solidarizarmos com os sobreviventes nessa dimensão do sofrimento. Mas do que trata esse sentimento? E como a vítima permanece culpada mesmo após a libertação? Segundo o autor de Turim, vive nos sobreviventes uma instância mais profunda e que muitas vezes aconselha calar acerca dos campos de concentração ou pelo menos atenuar e censurar imagens tão vivas ainda em suas memórias (LEVI 2016 p. 04).

---

17 BENJAMIN, Sobre o conceito de história, p.226. A tradução de Sérgio Rouanet sobre a oitava tese de Sobre o conceito de história de Walter Benjamin é “tradição dos oprimidos”, esta pode ser vertida em “história dos vencidos” sem prejuízo a tradução do autor, de modo que história dos vencidos se enquadra melhor em nossas intenções no presente artigo.

Essa instância remete ao sofrimento intenso e a censura social imposta aos sobreviventes. Significa a culpa ou *vergonha* de ter sobrevivido. Para aqueles que conseguiram viver, o sentimento de vergonha é um dos principais fatores do silêncio. Isso porque falar, apesar de necessário, é doloroso. Por vezes Levi demonstra sua inquietação com o fato de ter sobrevivido e se põe no lugar daqueles que não puderam viver. Esse sentimento é expresso em inúmeros textos, tanto em *A trégua*, quanto em *Os afogados e os sobreviventes*, neste último, de maneira mais elaborada, já que nele há um capítulo totalmente dedicado a vergonha. Mas talvez o mais forte, e que expressa de maneira que possamos contemplar a dimensão do sofrimento é o escrito de 04 de fevereiro de 1984, um pequeno poema intitulado *O sobrevivente*:

Desde então, em hora incerta,  
 essa pena retorna,  
 e se não encontra quem a escute  
 lhe arde no peito o coração.  
 Revê rostos dos seus companheiros  
 lívidos à primeira luz,  
 cinzentos de pó de cimento,  
 indistintos devido à névoa,  
 tingidos de morte nos sonos inquietos;  
 de noite batem os queixos  
 sob a grave demora dos sonhos,  
 “Para trás, fora daqui, gente submersa!  
 Vão embora! Não suplantei a ninguém,  
 não tirei o pão de ninguém,  
 ninguém morreu em meu lugar. Ninguém.  
 Voltem à névoa de vocês.  
 Não é minha culpa se eu vivo e respiro,  
 e como e bebo e durmo e tenho vestidos.<sup>18</sup>

É nítido para o leitor que o poema diz respeito a culpa sentida por ter sobrevivido no lugar de outro. Ora, para o sobrevivente, o fato de estar vivo só encontra justificção no acontecimento da morte do outro. Daí advém a vergonha de ter sobrevivido e o silêncio se torna parte do processo dela para o escritor do testemunho. Primeiro, ao lembrar que a sobrevivência dependeu da morte do outro, o sobrevivente sente vergonha de ter sobrevivido. O sentimento de culpa impede que a lembrança venha à tona, exatamente pelo falseamento da memória para que não se cause desprazer. Mas nem todos os sobreviventes conseguem falsear sua

18 Optamos pela tradução feita no livro de Giorgio Agamben, *O que resta de Auschwitz*, p. 95-96. No entanto, para melhor compreensão buscamos compará-la com o original das obras completas de Primo Levi pela editora Einaudi. LEVI, Primo. *Il superstite*. In: *Opere*, vol. II. Torino: Einaudi, 1997. p. 576.

memória, de modo que, como afirma Levi, o suicídio se tornou comum após a libertação. Segundo, o escritor de Turim afirma que um mal-estar acompanhava a libertação (LEVI 2004 p. 63). Esse mal-estar foi percebido como um retorno a civilização e com ele a volta da moral. Os conceitos de bom e mau, luz e escuridão, os nortes do justo e do injusto. Daí a difícil tarefa de pôr em questão tudo que se fez em prol da sobrevivência.

Com a dimensão da vergonha e da culpa sentida, o sobrevivente deve encarar o silêncio. Mas isso não se constitui, como bem notamos, em tarefa fácil. Se trata de lutar contra si e o falseamento da própria memória e contra o mundo, a civilização que impõe os conceitos morais repostos na consciência do sobrevivente que se libertou das cercas do *Lager*. É pelo peso dessa dimensão da vergonha que o testemunho cumpre duas tarefas, quais sejam, a de caráter político, pois alerta para a possível repetição de regimes totalitários e busca evita-la e, a de caráter ético subjetivo, isto é, a libertação interior da culpa sentida pelo sobrevivente.

Ambas se nutrem da memória e buscam trabalha-la para que o mundo não testemunhe outro massacre de proporções tão grandes. A destruição física e espiritual de milhões perpetrada pelo sistema totalitário nazista, não deve se repetir. Os sobreviventes se impõem a falar com vistas a essa não repetição. Ademais, se faz necessário a eles, o ato de fala, pois apenas esse ato pode amenizar a dor que o sobrevivente sente. Escrever, falar, contar, narrar o que aconteceu, tornou-se para nosso autor um hábito compulsivo, pois, sem ele, sabia-o, não poderia encarar a vida após Auschwitz. A memória se constituiu para ele não apenas como um peso, mas como a matéria mais forte, mais vívida e eficaz para luta contra o totalitarismo e para libertação não apenas das cercas e muros de Auschwitz, mas de seu próprio sofrimento interior.

### **Considerações finais**

O primeiro desafio imposto à literatura de testemunho é de consideração metodológica. Até onde se pode confiar na memória como capacidade de lembrar a verdade? Essa interrogação não é descabida. O próprio Primo Levi levanta a questão, como ressaltamos no decorrer de nossa primeira parte. Também não passa despercebida pela fortuna crítica sobre o testemunho. Como a memória é o único modo, para os sobreviventes da época, de falar seguramente sobre a verdade do que aconteceu no *Lager*, ela deve ser o mais forte material de que ele dispõe. No entanto, para que seja eficaz e assuma o papel necessário, ela deve ser interrogada. Ora, a memória não é uma sala onde podemos retirar dela arquivos de nossa experiência e vivências. No período moderno, principalmente após Freud, descobriu-se que se tratava de um ato humano extremamente complexo e obscuro.

Exatamente por essas falhas contidas no funcionamento da memória, isto é, o fato de que ela pode se modificar a partir das pulsões de prazer e desprazer, bem

como dos fatos traumáticos e vicissitudes cotidianas, que procuramos explorar em primeiro lugar, sua validade epistemológica, mesmo que para isso seja necessário um longo trabalho em análise, via que escolhemos para tratar do problema. Mas não foi por acaso ou puro arbítrio a eleição de Freud e da teoria psicanalítica como modo de leitura da memória e suas aporias. Mas porque o método de decantação de Primo Levi se assemelha ao método freudiano da elaboração e sobre-elaboração. De modo que nos pareceu mais acertada com o autor.

A memória, se traduz em dois aspectos em nosso escrito, o primeiro, epistemológico. Efetuando um exame das capacidades e de sua validade enquanto material de que dispõe os testemunhos. O segundo, um aspecto político de libertação, seja exterior, com o apelo da não repetição dos campos de concentração, seja interior, o apelo sobre a liberdade do sobrevivente em continuação de sua vida. Este último, é político a medida em que se faz necessário para que o sobrevivente possa continuar sua vida em sociedade, de modo a viver bem, se é que isso foi possível aos sobreviventes de Auschwitz.

Essa transformação da memória em sua face epistemológica para sua face política é, assim buscamos demonstrar, característica peculiar da literatura de testemunho. Se trata de tornar a experiência dolorosa vivida na Shoah e transformá-la em sinal de alerta para a posteridade e o presente. Essa modificação do conceito deve ser bem ressaltada, uma vez que dela procede os passos do testemunho de Levi.

**Referências bibliográficas:**

- Adorno, T. Educação após Auschwitz. In: *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- Agamben, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. – São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de Sítio).
- Aquino, E. *Primo Levi leitor de Freud: O falseamento das lembranças e o testemunho*. Cadernos Benjaminianos. Belo Horizonte, n. 7 p. 115 - 131, 2013.
- Arendt, H. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Eichmman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Benjamin, W. Sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas I*. – 7. Ed – São Paulo: Brasiliense, p. 222 – 232. 1994.
- Butler, J. Para pensar o presente, Primo Levi. In: *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- Freud, S. O mecanismo psíquico do Esquecimento. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio Janeiro: Imago, p.275 – 284, 1996 . 3 v.
- \_\_\_\_\_. Lembranças Encobridoras. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio Janeiro: Imago, p.287 - 307 1996 . 3 v.
- \_\_\_\_\_. Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise III). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio Janeiro: Imago, p. 161 – 171, 1996. 12 v.
- Leli, P. *É Isto um Homem?* - Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Se questo è un uomo*. In. Opere, V.1. Torino: Einaudi, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *La trégua*. In. Opere, V. 1. Torino: Einaudi, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Il sommersi e i salvati*. In: Opere, v.1. Torino: Einaudi, 1987.
- \_\_\_\_\_. Il superstite. In: *Opere*, vol. II. Torino: Einaudi, 1997: 576.
- \_\_\_\_\_. Deportados. Aniversário. In: *A assimetria e a vida: artigos e ensaios de 1955-1987*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- Platão. Fédon. In: *Os pensadores: Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. Timeu. In: *Platão, Diálogos V*. Bauru-SP, Edipro, 2010.
- \_\_\_\_\_. Fedro. In: *Platão, Diálogos III*. 2ªed - São Paulo, Edipro, 2015.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review)  
 Recebido em 10/ 07 / 2019. Aprovado em 12/ 03 / 2020.



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.